

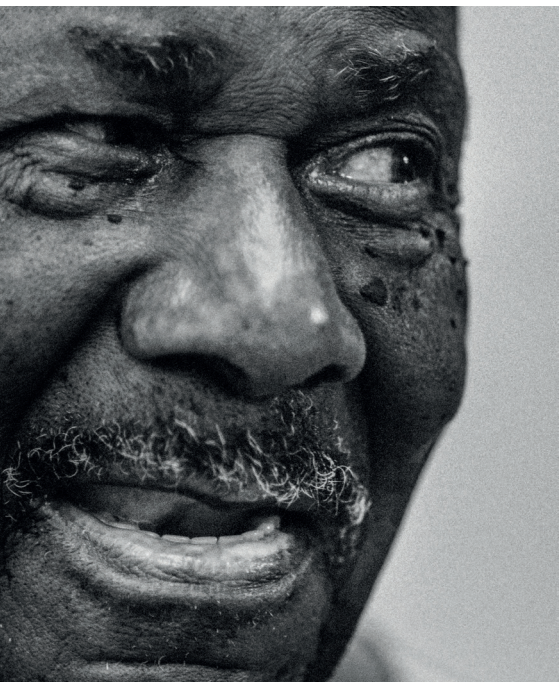


Poemas Escolhidos

CARLOS DE ASSUMPÇÃO







Carlos de Assumpção

Nasceu no dia 23 de maio de 1927 na cidade de Tietê, SP. Em 1969, mudou-se para Franca, SP, onde se formou em Letras pela UNESP e em Direito pela Faculdade de Direito de Franca. O escritor é um dos fundadores do Grupo Veredas e possui mais dois livros publicados, *Protesto* (1982) e *Quilombo* (2000).

Poemas Escolhidos

CARLOS DE ASSUMPÇÃO



ARTEFATO
E D I Ç Õ E S

Artefato Edições

artefato.art.br

fb.com/conjuntoartefato

conjuntoartefato@gmail.com

edição // **Ana Teresa Costa**

assistência editorial // **Juliana Previato**

revisão // **Lígia Sene**

foto de capa // **Igor Do Vale**

diagramação // **Victor Prado**

© Carlos de Assumpção, 2017.

ASSUMPÇÃO, Carlos de, 1927 -

Poemas Escolhidos / Carlos de Assumpção.
Franca, SP: Artefato Edições, 2017.

1ª edição, 100 pg.

Zine

1. Literatura brasileira. 2. Poesia.

3. Poema. I. Título

*À memória de meus pais: Matheus
Carlos de Assumpção e Sebastiana de
Souza Campos Assumpção, meus dois
primeiros professores de negritude.*

*A meu avô materno Cirilo
de Moura Campos.*

*A Dalmo Ferreira, Israel de Castro,
Jaime de Aguiar, Jorge Prado Teixeira,
Ovídio Pereira dos Santos, Solano
Trindade (poeta maior) (in memoriam)
e ao Grupo Veredas.*

Sumário

[09]	<i>Apresentação por Ana Teresa Costa Silva</i>
[13]	Eclipse
[15]	Protesto
[20]	Crime
[21]	Batuque
[24]	Berimbau
[26]	Esses Fanáticos
[27]	Tambor
[28]	Questão de Sorte
[29]	Sinhá
[30]	Tambor II
[31]	Mulher Negra
[32]	O Sorriso de São Benedito
[33]	Autorretrato
[34]	Neste Mundo
[35]	Presença
[37]	Raízes
[39]	Linhagem
[40]	Prece
[41]	Arco-íris
[42]	Canção de Amor
[45]	Resistência
[46]	Mães da Baixada Fluminense
[48]	Reencontro
[49]	Rosyane Silwa
[50]	Boneca Preta
[51]	Irmão de Todo Mundo
[52]	Tema de Natal

- [54] Pedras
- [55] Ponte de Ouro
- [56] A Princesa Isabel
- [57] Mãe
- [59] Baticum do Boia-fria
- [61] Dito
- [62] O Milagre das Flores
- [64] Minha Tia Maria
- [65] São Benedito de Tietê
- [66] Meus Pais
- [68] Que Negros Somos Nós
- [71] 13 de Maio
- [72] A Volta de Zumbi
- [73] Três Quadrinhas
- [74] Cabelo
- [75] Cadê
- [76] Este Ano
- [77] Profecia

*Três visões sobre:
Carlos de Assumpção*

- [79] Apresentação
por Aristides Barbosa
- [84] Literatura e Afrodescendência no Brasil:
Antologia Crítica - vol 1
por Eduardo de Assis Duarte
- [87] Carlos de Assumpção: Resistência e
Afirmção do Negro
por Zélia Maria N. Neves Vaz

APRESENTAÇÃO

por Ana Teresa Costa Silva

*Um mais um somos mais do que dois
Somos talvez milhões
De bocas gritando
Contra a crueldade
Que a elite do País nos impõe
Um mais um somos mais do que dois
Somos milhões de quilombolas
Milhões de guerreiros*

*Amanhã
Com toda a certeza
A muralha do mal vai cair*

Tá escrito nas estrelas

[Profecia, p. 77]

Tudo aquilo que possui a capacidade de criar, possui muito mais do que isso e está além de si próprio. Resiste com uma densidade única no tempo, pois não existem criações estéreis, já que todas, absolutamente todas, quando tocam, fecundam, transformam e, assim, garantem o fluxo da própria vida. E é como pequena gota que o Conjunto Artefato corre nas artérias desse fluido rio que tudo cria através de encontros fecundos de beleza e potência.

De um desses belos encontros, surge este *Poemas Escolhidos*. Uma coletânea de poesias de um dos maiores

escritores vivos desse país, **Carlos de Assumpção**. Essa pessoa que carrega na cor da pele e dos cabelos os símbolos de resistência, que nos transmite sua sabedoria através do olhar e das palavras, que nos mostra com sua caminhada, a força que precisamos ter enquanto movimento de cultura, de luta e, portanto, de vida.

Por esses e tantos outros motivos, publicar parte da obra desse Mestre Griô não é mérito, mas é, sim, viver tudo aquilo que acreditamos e fazer de nossas possibilidades nada mais do que nossa obrigação.

Essa é a nossa forma de contribuir para que a literatura seja parte do cotidiano múltiplo que as vidas resistentes desse Brasil criam diariamente com muito suor. É a nossa forma de transformar a sobrevivência em arte.

ECLIPSE

Olho no espelho
E não me vejo
Não sou eu
Quem lá está

Senhores
Onde estão os meus tambores
Onde estão meus orixás
Onde Olorum
Onde o meu modo de viver
Onde as minhas asas negras e belas
Com que costumava voar

Olho no espelho
E não me vejo
Não sou eu
Quem lá está

Senhores
Quero de volta
Os meus tambores
Quero de volta
Os meus orixás
Quero de volta
Meu Pai Olorum
Em seu esplendor sem par
Quero de volta
O meu modo de viver

Quero de volta
As minhas asas negras e belas
Com que costumava voar

Olho no espelho
E não me vejo
Não sou eu
Quem lá está

Séculos de destruição
Sobre os ombros cansados
Estou eu a carregar
Confuso sem norte sem rumo
De mãos vazias sem nada
Perdido de mim mesmo
Aqui neste lado do mar
Um dia, no entanto, senhores
Eu hei de me reencontrar

Olho no espelho
E não me vejo
Não sou eu
Quem lá está

PROTESTO

Mesmo que voltem as costas
Às minhas palavras de fogo
Não pararei de gritar
Não pararei
Não pararei de gritar

Senhores
Eu fui enviado ao mundo
Para protestar
Mentiras ouropéis nada
Nada me fará calar

Senhores
Atrás do muro da noite
Sem que ninguém o perceba
Muitos dos meus ancestrais
Já mortos há muito tempo
Reúnem-se em minha casa
E nos pomos a conversar
Sobre coisas amargas
Sobre grilhões e correntes
Que no passado eram visíveis
Sobre grilhões e correntes
Que no presente são invisíveis
Invisíveis mas existentes
Nos braços no pensamento
Nos passos nos sonhos na vida
De cada um dos que vivem
Juntos comigo enfeitados da Pátria

Senhores
O sangue dos meus avós
Que corre nas minhas veias
São gritos de rebeldia

Um dia talvez alguém perguntará
Comovido ante meu sofrimento
Quem é que está gritando
Quem é que lamenta assim
Quem é

E eu responderei
Sou eu irmão
Irmão tu me desconheces
Sou eu aquele que se tornara
Vítima dos homens
Sou eu aquele que sendo homem
Foi vendido pelos homens
Em leilões em praça pública
Que foi vendido ou trocado
Como instrumento qualquer
Sou eu aquele que plantara
Os canaviais e cafezais
E os regou com suor e sangue
Aquele que sustentou
Sobre os ombros negros e fortes
O progresso do País
O que sofrera mil torturas
O que chorara inutilmente
O que dera tudo o que tinha
E hoje em dia não tem nada

Mas hoje grito não é
Pelo que já se passou
Que se passou é passado
Meu coração já perdoou
Hoje grito meu irmão
É porque depois de tudo
A justiça não chegou

Sou eu quem grita sou eu
O enganado no passado
Preterido no presente
Sou eu quem grita sou eu
Sou eu meu irmão aquele
Que viveu na prisão
Que trabalhou na prisão
Que sofreu na prisão
Para que fosse construído
O alicerce da nação
O alicerce da nação
Tem as pedras dos meus braços
Tem a cal das minhas lágrimas
Por isso a nação é triste
É muito grande mas triste
E entre tanta gente triste
Irmão sou eu o mais triste

A minha história é contada
Com tintas de amargura

Um dia sob orações e rosas de alegria
Jogaram-me de repente

Da prisão em que me achava
Para uma prisão mais ampla
Foi um cavalo de Troia
A liberdade que me deram
Havia serpentes futuras
Sob o manto do entusiasmo
Um dia jogaram-me de repente
Como bagaços de cana
Como palhas de café
Como coisa imprestável
Que não servia mais pra nada
Um dia jogaram-me de repente
Nas sarjetas da rua do desamparo
Sob orações e rosas de alegria

Sempre sonhara com a liberdade
Mas a liberdade que me deram
Foi mais ilusão que liberdade

Irmão sou eu quem grita
Eu tenho fortes razões
Irmão sou eu quem grita
Tenho mais necessidade
De gritar que de respirar

Mas irmão fica sabendo
Piedade não é o que eu quero
Piedade não me interessa
Os fracos pedem piedade
Eu quero coisa melhor
Eu não quero mais viver

No porão da sociedade
Não quero ser marginal
Quero entrar em toda parte
Quero ser bem recebido
Basta de humilhações
Minh'alma já está cansada
Eu quero o sol que é de todos
Quero a vida que é de todos
Ou alcanço tudo o que eu quero
Ou gritarei a noite inteira
Como gritam os vulcões
Como gritam os vendavais
Como grita o mar
E nem a morte terá força
Para me fazer calar

CRIME

De repente
Duma viatura
Saltam sobre mim
Vários policiais

Com cassetetes revólveres
Metralhadoras em punho
E com ódio
No olhar

Me cercam de repente
No meio da calçada
Num círculo de terror

Não me pedem documentos
Não me perguntam nada
Basta a minha cor.

BATUQUE

Dança afro-tieteense

Tenho um tambor
Tenho um tambor
Tenho um tambor

Tenho um tambor
Dentro do peito
Tenho um tambor

É todo enfeitado de fitas
Vermelhas pretas amarelas e brancas

Tambor que bate
Batuque batuque bate
Tambor que bate
Batuque batuque bate

Que evoca bravuras dos nossos avós

Tambor que bate
Batuque batuque bate
Tambor que bate
Batuque batuque bate

Tambor
Que bate o toque de reunir
Todos os irmãos

De todas as cores
Sem distinção

Tenho um tambor
Tenho um tambor
Tenho um tambor

Tenho um tambor
Dentro do peito
Tenho um tambor

É todo enfeitado de fitas
Vermelhas pretas amarelas
brancas azuis e verdes

Tambor que bate
Batuque batuque bate
Tambor que bate
Batuque batuque bate

Tambor
Que bate o toque de reunir
Todos os irmãos
De todas as cores
Dispersos
Jogados em senzalas de dor
Tambor que fala de ódio
e de amor
Tambor que bate sons
curtos e longos

Que bate o toque de reunir
Todos os irmãos de todas as cores

Num quilombo
Num quilombo
Num quilombo

Num quilombo
Num quilombo
Num quilombo

BERIMBAU

para Jorge Prado Teixeira, in memoriam

Ah Berimbau berimbau
Meu amigo berimbau

Berimbau anda falando
Que Zumbi há de voltar
E quando Zumbi chegar
Vai botar ordem na casa
Vai pôr tudo no lugar
Vai dar pão a quem tem fome
Cuidar do necessitado
Desprezado no país
Vai combater a pobreza
Fazer o povo feliz
Acender a liberdade
Dentro do peito da pátria
Como aqui nunca se viu

Ah Berimbau berimbau
Meu amigo berimbau

Berimbau anda falando
Que Zumbi há de voltar
E quando Zumbi chegar
Vai arrebentar corrente
Detonar porta trancada
Vai acabar com o racismo

Que impede mais da metade
Da população de andar
De sair da situação
Desoladora em que está

Ah Berimbau berimbau
Meu amigo berimbau

Zumbi é nossa esperança
É esperança de todos
Zumbi vai trazer mudança
O país vai tomar jeito
Já tá passando da hora
De o sofrimento passar

Ah Berimbau berimbau
Meu amigo berimbau

Meu amigo berimbau
Tem falado em toda parte
Que Zumbi há de voltar
Que com Zumbi no poder
O país vai caminhar
Zumbi põe ordem na casa
Bota tudo no lugar

ESSES FANÁTICOS

Religião mesmo só a deles
Têm sempre a certeza de tudo
Se julgam donos da verdade
Acham que só eles vão pro céu
Que nós estamos condenados
Não passamos de pobres diabos
Vamos todos pro beleléu

TAMBOR

Tambor
dá asas a nosso grito contido há séculos
grita
nada de pequenos lamentos inúteis
nada de pranto
grita tambor
grita
estamos do lado de fora
com as mãos vazias
e as portas estão fechadas
com chaves de desamor
grita
tambor
grita
temos sede de vida
e estamos cansados de tanta dor.

QUESTÃO DE SORTE

para José Batista da Silva

- O negro era inteligente
- O branco não
- O negro era culto
- O branco não
- O negro era educado
- O branco não
- O negro era capaz
- O branco não

Foram juntos pedir emprego
A uma mesma repartição
Umhas três vagas havia
Fizeram sua inscrição

Decisão
O branco foi contratado
O negro não.

SINHÁ

Batucada na cozinha
Sinhá não gosta
Sinhá não quer
Sinhá é enjoada
Não gosta de nada
Batucada na cozinha
Sinhá não quer
Sinhá é racista
É doente da cabeça
E do pé
Não gosta de nada
Só gosta de chá
E bolacha
Odeia café

TAMBOR II

Tambor
são inúteis nossos gritos
silêncio
tambor
neste mundo branco
somos consideradas incômodas
manchas negras
apenas
silêncio
tambor de nostalgia
tambor de angústia
tambor de desesperança
silêncio
tambor
ninguém compreende nossa mensagem de dor.

MULHER NEGRA

Eu canto tua beleza
A noite de tua pele
A luz estelar de teus olhos oblíquos
O chocolate de teus lábios grossos
O luar de teu sorriso
Os teus cabelos que não se desalinham
Ao sopro do vento

Eu canto tua beleza
Tua graça noturna
A música da tua voz
A dança de teus passos
O ritmo do teu andar

Eu canto tua beleza
Tua suavidade de sombra
Tua graça noturna
O mistério do teu corpo
Esculpido em ébano

Eu canto tua beleza
A noite de tua pele
A luz estelar de teus olhos oblíquos
O chocolate de teus lábios grossos
O luar de teu sorriso
Os teus cabelos que não se desalinham
Ao sopro do vento
O teu encanto de mulher

O SORRISO DE SÃO BENEDITO

São Benedito do cimo do seu altar
Observa o homem poderoso
Que ajoelhado a seus pés
Reza com tanta devoção

São Benedito observa-o e sorri
O homem branco poderoso
O mais rico empresário da região
Presta ao Santo Negro suas homenagens
Manda-lhe flores
Assiste-lhe à missa
Segue-o na procissão
Reverencia-o de todo modo
E agora ajoelhado a seus pés
Reza com tanta devoção
São Benedito observa-o e sorri
Não um sorriso de escárnio
Que ele é todo humildade
É todo mansidão

Sorri um sorriso de tristeza
De tristeza e compaixão
Pois São Benedito sabe
Que o homem poderoso
O mais rico empresário da região
Não admite negro em sua empresa
Não vê em nenhum homem negro
Em nenhum homem negro um seu irmão

AUTORRETRATO

Eu sou a noite
Sem destino
Esbofeteada pelo vento
Nesta selva branca

Noite
Que procura caminho
Como o faminto
Procura o pão

Noite
Que conserva
Orgulhosamente

A despeito de tudo
Um punhado de estrelas
Em cada mão

NESTE MUNDO

para Luiz Cruz

Neste mundo de homens de aço
Eis o palhaço
A poesia é minha ocupação
É meu pão
Sou poeta louco pobre-diabo
Sou declamador de minha dor
Sou meu irmão irremediável truão

Neste mundo de homens de aço
Sou sim o palhaço
Eu que em difícil missão
Em público desnudo
O coração.

PRESENÇA

É Zum

É Zum

É Zum

É Zumbi

Zumbi de Ogum

Guerreiro de Ogum

Aqui

Na praça na raça

Na reza fumaça

De incenso no ar

No canto de encanto

Na fala na sala

Na rua na lua

Na vida de cada dia

Em todo lugar

É Zum

É Zum

É Zum

É Zumbi

Zumbi de Ogum

Guerreiro de Ogum

Aqui

No rabo-de-arraia

No aço do braço

No samba de samba

No bumba-meu-boi

No bombo do jongo

Congada batuque
Maracatu
Zumbi Zumbi Zumbi
Guerreiro da Serra
Sob as estrelas acesas
Na madrugada
Nó do ebó na encruzilhada

É Zum
É Zum
É Zum
É Zumbi
Zumbi de Ogum
Guerreiro de Ogum
Aqui

RAÍZES

para Aristides Barbosa

Estou de volta pra casa
Estou de volta a meu lar
A vida aqui tem sentido
Aqui é que é meu lugar

Oxum passeia na praça
Xangô conversa no bar
Hoje de volta pra casa
Convivo com os Orixás

Estou de volta pra casa
Aqui tudo é natural
Té felicidade é fruto
Que se consegue alcançar

Enfim reencontro a fonte
Donde axé jorrando está
Estou de volta pra casa
Estou de volta a meu lar
A vida aqui tem sentido
Aqui é que é meu lugar
Aqui tem congada samba
Batuque pra se dançar
Tem mulheres lindas lindas
Lindas feito Iemanjá

Mulheres de largas ancas
E doce encanto no olhar

Estou de volta pra casa
Estou de volta a meu lar
A vida aqui tem sentido
Aqui é que é meu lugar
Agora livre de abismo
Livre pássaro a voar
Aqui tenho vida plena
Com a benção dos Orixás

Estou de volta pra casa
Estou de volta a meu lar
Hoje vivo como vive
Caracol no meu quintal

LINHAGEM

Eu sou descendente de Zumbi
Zumbi é meu pai é meu guia
Me envia mensagens do horum
Meus dentes brilham na noite escura
Afiados como o agadá de Ogum
Eu sou descendente de Zumbi
Sou bravo valente sou nobre
Os gritos aflitos do negro
Os gritos aflitos do pobre
Os gritos aflitos de todos
Os povos sofridos do mundo
No meu peito desabrocham
Em força em revolta
Me empurram pra luta me comovem
Eu sou descendente de Zumbi
Zumbi é meu pai é meu guia
Eu trago quilombos e vozes bravias dentro de mim
Eu trago os duros punhos cerrados
Cerrados como rochas
Floridos como jardins

PRECE

Castro Alves que estais no Céu
Santificado também seja o vosso nome
Olhai por nós agora e sempre do além
Estendei as mãos sobre a cidade
Acendei a chama da liberdade
Do amor da fraternidade
Como vossos versos, ensinado têm
Rumo às alturas às estrelas
Guiai nossos passos Castro Alves
Agora e sempre por todo sempre
Amém

ARCO-ÍRIS

para Regina diFranca

Nós somos Dons Quixotes
Em cavalos de sonhos vamos
Por toda parte da cidade
Semeando palavras como sementes
Dividindo o pão do bem mostrando caminhos
Levando esperanças a quem não tem

Nós somos Dons Quixotes não importa
De sonhadores o mundo tem precisão
A vida será céu quando todos os homens
Trouxerem as estrelas aqui pro chão

CANÇÃO DE AMOR

Abram a janela.

Deixem o vento trazer nas suas asas

Lembranças da minha terra.

Da Curuçá faceira de céu azul cheio de luz;

Das casas de mil janelas, como olhos de madeira,

Vigiando à tarde ruas estendidas ao sol;

Das bandas de música, dos apelidos;

Da Cidade Jardim emoldurada

Por canaviais sem fim - mar de esmeralda.

Abram a janela.

Deixem o vento trazer nas suas asas

Lembranças da minha terra.

Eu quero ouvir as vozes imortais de seus poetas,

Valério, Cornélio Pires, Joaquim Cruz, Luís Martins,

Aécio, Rossini, Euclides, Gomide, Josias, Fuzilo

E outros mais.

Eu quero ouvir todas essas vozes imortais.

Abram a janela.

Deixem o vento trazer nas suas asas

Lembranças da minha terra.

Havia uma rua que se chamava Rua das Flores.

Na Rua das Flores havia uma rosa

Que eu, ainda criança, amava tanto

E ela nunca soube do meu amor.

Abram a janela.

Deixem o vento trazer nas suas asas

Lembranças da minha terra.
Eu quero ouvir de novo
As serenatas orvalhadas de prata,
Du e seu violino sentimental,
Checheta e seu velho violão.
Quero ouvir cavaquinho, bandolim, pandeiro, lentas
Valsas na voz de veludo de Veloso Assumpção.
Quero ouvir as serenatas nas madrugadas,
Quando as estrelas sonham sonolentas,
Nos braços da ilusão.

Abram a janela.
Deixem o vento trazer nas suas asas
Lembranças da minha terra.
Tia Maria benzia, fazia a chuva parar
E, em tempo de seca, fazia chover.
Naquelas escuras mãos de fada, quanto poder havia!
Mas um dia velhinha tia Maria

embora
se foi
sumiu,
neblina
na fria
das nuvens,
a escada
subiu
E não voltou nunca mais.
Deve estar agora em companhia dos ancestrais.

Abram a janela.
Deixem o vento trazer nas suas asas

Lembranças da minha terra.
Me vejo menino na escola primária,
Com os pés descalços, roupa velha remendada,
Ou vejo a mim mesmo menino tristonho, parado,
Na frente do cinema, sem dinheiro para a entrada.
Naqueles anos amargos,
Vejo principalmente meus pais,
Dois bravos empenhados então
Na séria luta contra o dragão da miséria,
Que jamais conseguiu destruir a gente.

Abram a janela.
Deixem o vento trazer nas suas asas
Lembranças da minha terra.
Da Cidade Jardim;
Das casas de mil janelas, como olhos de madeira,
Vigiando à tarde ruas estendidas ao sol;
Da bela Curuçá;
Da minha terra natal,
E quando a noite vier, como virá de qualquer maneira;
Quando o relógio, em seu eterno compasso,
Bater a hora final,
Eu quero aconchegar-me à minha terra,
Quero dormir nos seus braços.

RESISTÊNCIA

Tocai tambores tocai
Não tenho mais medo da morte
Sei que não vou desaparecer
Tocai tambores tocai

Em toda parte
Muitas mãos de ébano
Estão tecendo o destino da Raça

Sei que não vou desaparecer
Não tenho mais medo da morte
Não tenho mais medo de nada
Tocai tambores tocai
Tocai tambores da alvorada

MÃES DA BAIXADA FLUMINENSE

ao amigo Luiz Cruz

As estrelas e a lua
Seguem com olhar
De piedade grupo
De mães da Baixada Fluminense
Perdido
No labirinto da cidade
Procurando desesperadamente
Seus filhos queridos
Desaparecidos, de repente

As estrelas e a lua
Viram tudo o que aconteceu
Viram tudo e nada dizem
Viram ódio correrias
Viram fuzis metralhadoras
Viram manchas de sangue no chão
Viram tudo e nada dizem
Às mães infelizes

Junto com elas caminha
Sem que ninguém a veja
A mãe daquele que ensina
Há mais de dois mil anos
A união entre os homens
O amor entre os homens
E a humanidade
Ainda não aprendeu

O sofrimento que essas mulheres
Carregam nos ombros é igual
Ao sofrimento das mães argentinas
Que em praça de Buenos Aires
Levantam estandarte de indignação
Pelo desaparecimento
De filhos queridos também

Tocai sinos das igrejas
Rufai tambores dos terreiros

Pelas mães desesperadas
Pelos filhos desaparecidos
Pelos sonhos assassinados
Atrás da noite
Pelos fatos sem solução
Na América na África
No mundo inteiro

Tocai sinos das igrejas
Rufai tambores dos terreiros
Amém

REENCONTRO

Durante muito tempo
Andei a procura de mim
Pelos caminhos da dor
Andei a procura de mim
Por entre os escombros
De minha vida solapada
A procura do meu orgulho
Curvado a chicotadas
A procura dos meus tambores
Violentamente silenciados

Durante muito tempo
Andei a procura dos deuses protetores
Que regiam os acontecimentos
Antes dos cataclismo branco

Não foi inutilmente
Que durante muito tempo
Andei a procura de mim
Pelos caminhos da dor

Eis que me reencontro afinal

Meu orgulho
Meus tambores
Meus deuses
Estão despertos novamente
Estão novamente vivos
Estão nas ruas do meu sangue
Novamente

ROSYANE SILWA

para Ravid Marcelino

Como diz Rosyane Silwa
Nossa jovem jornalista
Oi irmão da favela
Oi periferia
Vamo que vamo galera
Se a elite “branca”
Tranca a porta do país
Vamos entrar pela janela

BONECA PRETA

Cúti por enquanto nada de chute
No saco de Papai Noel
Só porque não traz
Boneca Preta no Natal
Por enquanto vamos ter calma
Vamos perdoar Papai Noel
Que neste país boneca preta
Em verdade companheiro
Ninguém compra ninguém vende
Ninguém gosta ninguém quer

IRMÃO DE TODO MUNDO

Eu sou Carlos de Assumpção
Sou irmão de todo mundo
Todo mundo é meu irmão

Você sabe donde eu vim
Você sabe donde eu vim
Vim do quilombo de Palmares
Sou descendente de Zumbi

Sou negro cor de fumaça
Sou negro cor de uva passa
Sou irmão de todo mundo
Todo mundo é meu irmão

Todo mundo é meu irmão
Mas o racista não
Racista não é meu irmão

TEMA DE NATAL

para Wágner de Campos

Em mim, o Natal chegando,
Nascendo em mim o Jesus,
Dentro em meu peito brilhando,
A estrela cheia de luz,

Sairei pelos caminhos,
Cidades, ruas, estradas,
Consolando almas magoadas,
Corações cheios de espinhos...

Irei ao cimo das serras
Mais altas, para gritar,
Com voz mais forte que o mar,
Que não deve haver mais guerras...

Gritarei aos quatro ventos
Que somos todos irmãos,
Devemos dar-nos as mãos,
Pôr fim a tantos tormentos.

E depois de correr mundo,
Pregando aos homens o amor,
Irei viver bem no fundo
De uma região esplendor,

Sem esperar gratidão,
Recompensa de ninguém,
Gozando a satisfação
De um dia ter feito o bem.

PEDRAS

Deus devia, meu irmão,
(É o que sempre tenho dito)
Dar ao negro coração,
Mas coração de granito.

PONTE DE OURO

Vou-me embora... Vou-me embora...
Ninguém escuta meu grito.
Tenho uma ponte de sonho
De minh'alma pro infinito.

Vou-me embora, estou cansado,
Cansado, irmão, vou-me embora.
Com tantas almas de pedra
É inútil esperar aurora...

Não mais mandarei aos homens
A voz do meu telegrama.
Os homens, abutres de ódio,
Assassinam a quem ama.

Vou-me embora... Vou-me embora...
Não mais protesto nem grito
Tenho uma ponte de sonho
De minh'alma pro infinito.

A PRINCESA ISABEL

A princesa Isabel
Passou cheque sem fundo
Enganando todo mundo
A escravidão não acabou
A escravidão continua
Só não vê quem é cego
Ou tem a cabeça na lua

MÃE

Noite,
Os anos já pintaram de luar os teus cabelos,
No entanto, tudo parece estar acontecendo agora,
Neste instante.

Noite,
Após tantos anos,
Neste momento,
Vejo tudo diante de mim,
Como se estivesse assistindo a um filme da infância:

Nós, teus filhos, todos pequenos,
O relógio parado na hora de privações,
Tantos sonhos de asas quebradas pelos cantos
De nossa casa pobre, sem conforto;

Tu, mulher ainda jovem, tão boa, tão calma,
Constelação de esperança e ternura,
Inspirando segurança,
Inspirando fé, amor,
Em meio a tantos vendavais.

Noite,
Tua luta foi para nós teu maior ensinamento,
Sofrias (hoje o sei), entretanto,
Em nossa presença, nunca uma lágrima
Rolou pelo teu rosto.

Noite,
Desde criança aprendi a amar-te,
Mas só hoje, adulto, é que vejo, comovido,
As incontáveis estrelas que brilham em teu ser
E que tantos vendavais não conseguiram apagar.

BATICUM DO BOIA-FRIA

Não me chamem de boia-fria
Que boia-fria não sou
No banquete capitalista
Nem boia-fria me sobrou

São vocês senhores nababos
Eu escravo camuflado
Vocês me batem me batem
Em paga do meu trabalho
Me batem me batem
Com o chicote da fome
Me batem me batem
Com mãos implacáveis
Me batem me batem

Não me chamem de boia-fria
Que boia-fria não sou
No banquete capitalista
Nem boia-fria me sobrou

Como bateram em Luther King
Como bateram em Jesus Cristo
Vocês me batem me batem
Com o chicote da fome
Me batem me batem
Com o cassetete da opressão
Me batem me batem
Com toda crueza

Me batem me batem
E me deixam na mão

Mas um dia acabo com isto
Viro a mesa
Ponho fim à escravidão

DITO

cuidado racista
Dito pode não embarcar
em sua hipocrisia
se ele percebe
que você lhe falta
com o respeito com esse seu jeito
de ofender pessoas
e dizer que é brincadeira
você com certeza
vai se dar mal
de repente entra em fria
o rapaz pega pesado
você de repente
leva pé na cara
leva rabo de arraia
leva rasteira leva tranco
leva mil golpes
corre risco de no fim
usar terno de madeira

O MILAGRE DAS FLORES

São Benedito foi homem bom
muito bom

De repente
surge o senhor
reitor do mosteiro
em que Benedito
é humilde cozinheiro

Benedito
o que é isso aí
que você leva
embrulhado
no avental

São flores
senhor
são flores
nada mais

São Benedito foi homem bom
muito bom

Benedito abre o avental

Os pães
que Benedito levava
aos pobres famintos

que o aguardavam no portão
viraram flores
lindas flores perfumadas

Coisa do Pai
os olhos de Benedito
se enchem de água

São Benedito foi homem bom
muito bom

MINHA TIA MARIA

Minha tia Maria benzia
Fazia a chuva parar
E em tempo de seca
Fazia chover
Incrível mulher minha tia Maria
Naquelas escuras mãos de fada
Quanto poder havia
Mas um dia velhinha Maria
Subiu a escada nas nuvens
Subiu subiu subiu
Na fria neblina sumiu se foi embora
E não voltou mais
Minha tia Maria
Deve estar agora
Em companhia dos ancestrais

SÃO BENEDITO DE TIETÊ

Glorioso São Bendito
leva nosso povo
lá pra cima da montanha
onde brilham as estrelas
ajuda nosso povo
na difícil caminhada
em que enfrenta
a todo momento
tanta dor tanto sofrimento
Glorioso São Benedito
leva nosso povo
lá pra cima da montanha
onde brilham as estrelas
protege ele com teu manto
na difícil caminhada

Nosso povo tem lutado tanto
e não consegue quase nada

MEUS PAIS

Meus pais me ensinavam
tantas coisas
Inda hoje de vez em quando
me dizem da janela de horum
Ei Carlito
Deus ajuda quem luta
Não desanime nunca
Não pare de lutar
Olorum não gosta
de quem não tira o traseiro do sofá

TEMA DE NATAL II

para Alice Helena Costa Parra

Amor é mais que alimento;
Amor é a vida da vida;
Contudo, nada entendemos
Da grandeza do amor ainda.

Vejo pombos e passarinhos
Se amando no meu telhado
E vejo os homens passando
Com alma e com os olhos fechados.

Com a alma e com os olhos fechados,
Passam os homens, e se vão,
E não percebem, coitados,
Que só o amor é a salvação.

Quando florirá (pergunto)
A comunhão universal?
Quando nos amaremos,
Como as aves do meu beiral?

Se uns aos outros não nos amamos,
Se não nos despimos do mal,
Então, por que continuamos
A festejar o Natal?

QUE NEGROS SOMOS NÓS

para meus netos, Matheus e Thiago

Que negros somos nós que nada sabemos dos
quilombos que ensinaram liberdade no
país inteiro

Que negros somos nós que nada sabemos das lutas
gravadas com sangue suores e prantos na
memória da história

Que negros somos nós que nada sabemos das
glórias dos tempos idos dos horrores sofridos
por nossos avós

Que negros somos nós que nada sabemos da
linguagem telegráfica dos tambores

Que não mantemos acesa a chama que outrora
brilhara como estrela-da-guia

Que nada fazemos para descobrir nossa origem
nossas raízes

Que não damos valor à nossa cultura no dia a dia
ou então (o que mais ocorre) a desconhecemos
completamente

Que negros somos nós que descrentes nos
envergonhamos da nossa religião que nós
muitas vezes chamamos de feitiçaria folclore
mitologia

Que negros somos nós que nos envergonhamos de
negros sem procurar compreendê-los

Que negros somos nós que nos envergonhamos da
escuridão de nossa pele dos lábios grossos do
nariz chato do cabelo duro

Que negros somos nós principalmente os de
movimentos negros que dizemos combater
preconceitos e temos às vezes mil preconceitos
no peito

Que negros somos nós que na ânsia de ascensão
humilhamos e preterimos nossos próprios
irmãos mais pobres ou mais escuros

Que quando conseguimos boa situação na vida
tantas vezes nos isolamos em torre de marfim
ou casamos com pessoas brancas só porque
são brancas

Que somos ridicularizados nas ruas nas praças
nos clubes na imprensa em toda parte e
permanecemos de braços cruzados

Que somos pisados a todo momento com crueldade
e permanecemos de braços cruzados

Que somos jogados como sucata na lata de lixo da
sociedade e permanecemos de braços cruzados

Que negros somos nós que só sabemos chorar à
beira da estrada e não fazemos nada

Que negros somos nós que não marchamos a
caminho do sol ombro a ombro com outros
oprimidos de todas as cores de acordo com a
tradição sob o comando de um novo Zumbi

Que negros somos nós que desvivemos desunidos
desconfiados uns dos outros por aí sem rumo
sem líder nenhum

Que negros somos nós que não mais empunhamos
a espada afiada de Ogum

13 DE MAIO

O branco me pegou na África
Me trouxe pra cá
Pra trabalhar

De sol a sol
A bem dizer
Quase sozinho
Construí o País
Com o meu suor

O branco sempre
Andou muntado
Na minha cacunda
Na minha cacunda
Na minha cacunda
E quando achou
Que não precisava
Mais de mim
Deu-me um pontapé
Na
 É isso aí

A VOLTA DE ZUMBI

Quando Zumbi voltar
Com a lança na mão
Vai botar pa correr
Esse povo engravatado
Arrogante e valentão
Que se julga dono exclusivo
De tudo aqui
Que humilha e discrimina
Negro índio e branco pobre
E ainda tem muito mais
Quando Zumbi voltar
Com a lança na mão
Vai botar pa correr
Esse povo desonesto
Desonesto e mau
Que abusando do poder
Na maior cara de pau
Arromba o cofre da nação
E esconde em gavetas secretas
Em paraísos fiscais
Fortuna incalculável
Que tanta falta nos faz
Quando Zumbi voltar
Com a lança na mão
Esse povo da justiça
De Zumbi não escapa não

TRÊS QUADRINHAS

Minha prima é mestiça
Não é negra como eu sou
Alguém a chamou de negra
Minha prima desmaiou

O homem negro é como o boi
Não sabe a força que tem
Se soubesse não levava
Chicotada de ninguém

O jornalista racista
Bateu as botas morreu
Deve ter ido pro inferno
Antes ele do que eu

CABELO

cabelo cabelo
eterno pesadelo
quem tem curto alonga
quem tem longo encurta
quem tem crespo alisa
quem tem liso enrola
tudo bem
eu contudo
com cabelo
curto ou longo
liso ou crespo
de qualquer jeito
levo chumbo

CADÊ

Cadê o samba
Que era meu
O branco tomou e deturpou
Cadê o branco
Tá por aí
Ganhando dinheiro
Com o samba que roubou

Cadê o carnaval
Que era meu
O branco tomou e deturpou
Cadê o branco
Tá por aí
Ganhando dinheiro
Com o carnaval que roubou

Cadê Iemanjá que eu trouxe da África
Cadê Iemanjá que era negra como eu sou
Tá dependurada na parede
Onde o branco a dependurou
Pintada de branco como o branco a pintou

Cadê as terras que desbravei
Cadê as riquezas que construí
O branco de tudo se apossou
Cadê o branco
Tá por aí
Na sua velha altivez
Colhendo frutos que não plantou.

ESTE ANO

Tenho lutado tanto
Não consigo valor nenhum
Nenhum valor eu tenho
Este ano não passa em branco
No mês da Consciência Negra
Vou botar fogo no engenho

PROFECIA

Um mais um somos mais do que dois
Somos talvez milhões
De bocas gritando
Contra a crueldade
Que a elite do País nos impõe
Um mais um somos mais do que dois
Somos milhões de quilombolas
Milhões de guerreiros

Amanhã
Com toda a certeza
A muralha do mal vai cair

Tá escrito nas estrelas

Três visões sobre:

CARLOS DE ASSUMPÇÃO

APRESENTAÇÃO*

por Aristides Barbosa

Ler um livro como este, de Carlos de Assumpção, não é somente se emocionar à contundência de sua poética.

É sobretudo um desafio a que se busque, no curso histórico, sociológico e mesmo psicológico do desenvolvimento da sociedade brasileira, todo esse tom rebelde que caracteriza a sua arte:

*O sangue dos meus avós
Que corre nas minhas veias
São gritos de rebeldia*

Imagina-se nestas páginas o mesmo fluido de rebeldia que pairava no ar de todas as senzalas que se espalhavam pelo Brasil. A mesma rebeldia que ocasionava as fugas isoladas ou coletivas. A mesma rebeldia que gerava os quilombos como redutos de afirmação e resistência. Só que no desenrolar da história brasileira o negro, como autor, teve pouca oportunidade de documentar a sua intolerância pela injustiça, pela opressão, pela asfixia à sua vocação libertária e, acima de tudo, o seu repúdio à ingratidão e à falta de reconhecimento à sua efetiva participação, com trabalho, sacrifício, sangue e lágrimas na formação deste país. Escrever, fazer literatura escrita e traçar os rumos históricos do Brasil sempre foi pretensão, privilégio e primazia de reduzida elite branca. Tudo começou no período colonial quando se ia buscar conhecimento

*Apresentação à 4ª edição do livro *Protesto* (Ribeirão Ed.) de Carlos de Assumpção

na Europa. O processo continuou na estruturação e estratificação da sociedade brasileira, que se rompeu politicamente com Portugal no 7 de Setembro de 1822, mas que seguiu estritamente as trilhas culturais europeias até os nossos dias.

A autenticidade etnocultural brasileira fica prejudicada se se subestimarem os valores negros e indígenas que nela entraram ao lado do branco europeu, primeiros formadores do nosso povo, de nossa cultura.

Assim como na composição dos elementos da natureza, também na química social, cada componente tem o seu peso atômico e deve ser levado na devida consideração quando se procura analisar e valorizar a sociedade em cuja composição ele entra.

Côncio disso, Carlos de Assumpção não se conforma com a preterição em que o negro é relegado no contexto racial brasileiro. E, inconformado, ele protesta à maneira de corajoso Zumbi:

Senhores

Eu fui enviado ao mundo para protestar

Mentiras ouropéis nada

Nada me fará calar

Sabe-se que, egresso de um duro regime de escravidão, difícil acesso aos bancos escolares e confinado em precária condição econômica, o negro tem tido pouca condição para escrever e publicar livros. A sua história, os seus problemas e os seus dramas têm sido vistos e editados pela óptica e iniciativa dos outros. Mesmo assim, já surgiram poucos, mas expressivos negros na literatura brasileira. Por que Carlos de Assumpção é quase só na poesia negra de protesto e contestação? Teriam os outros escri-

tores consciência adormecida? Eis aí um ponto de interrogação em que vamos tentar mexer reflexivamente: 1) vendo os fatos de uma perspectiva histórica; 2) vendo-os de uma perspectiva sociológica e; 3) finalmente por um ângulo psicológico. Da visão histórica, a história mudou. Já não se restringe mais a ser um veículo de crônicas de reis e barões, mas passou a ser um instrumento sério de aferição de dados referentes a acontecimentos. Daí a questão a colocar: se a visão da história do negro brasileiro de Carlos de Assumpção que a estuda por um prisma moderno é a mesma dos intelectuais negros do passado que estudavam meramente pelo ângulo factual. Quando encaramos os fatos pelo prisma sociológico, constatamos que é perfeitamente possível elaborar, ao longo dos tempos, toda uma *sociologia da desvalorização dos valores negros*, pois o negro tem sido tão discriminado pela sua cor, pelo seu cabelo pixaim, pelo cheiro do seu corpo, pela sua religião, e por uma infinidade de outras coisas que tudo isso já mereceu um estudo científico a respeito. E daqui passamos para outro departamento científico – psicologia. Se o negro é massacrado socialmente por tudo aquilo que tem de seu, de repente passa, psicologicamente, a temer os seus valores. Passa a querer ser branco, via mulatismo, via posição social, via nível econômico, enfim, via qualquer meio de fuga, pois ninguém quer simbolizar o *ruim*, o *maldito*, o *desprezível* e até o *demônio*. Quando um negro tem chance de ser gente, até substituem a alma própria por uma alma branca. E se alguém já ousou ou ousar colocar alma branca no peito de Carlos, que é brilhante intelectual, simplesmente pelo mérito de ser humano dotado de inabalável capacidade de luta, independentemente de ser negro ou branco, por certo recebeu ou receberá esse poema ao rosto:

*Isso é discriminação
Deixe disso meu irmão*

*Mesmo quando me elogia
Você mostra é prevenção
Pare com isso por favor
Quem já viu a alma algum dia
Pra saber se ela tem cor?*

Fulano é preto, *mas* é um bom sujeito. Qual o negro que não detesta essa antipática adversativa? A primeira vez que ela chocou a minha personalidade foi numa sala de aula. Eu era garoto e cursava o primário. De vez em quando a professora pegava a classe de surpresa para a revista de higiene dos alunos. Havia notas e eu sempre tirava as melhores porque o meu cabelo pixaim, as minhas orelhas, as mãos, as unhas, a roupa pobre, tudo enfim, sempre em perfeito asseio. Um dia, querendo me elogiar, ela chamou-me à frente da classe e disse: “Olhem, vocês estão vendo? Este aluno é pretinho, *mas* sempre limpo”. Não sei se consegui reter as lágrimas no momento. O que sei é que até hoje me vem um nó na garganta cada vez que me lembro daquela agressão que sofri numa sala de aula, por uma professora. E aquele episódio da infância, passado numa sala de aula, me volta bem nítido agora diante de “Inocência” de Carlos de Assumpção:

*A menina disse zangada
Que a sua colega do lado
“Me xingara de negro”
E acrescentou
“Deus vai castigar ela professor
Ela vai casar com um negro*

Todavia, à medida que a história vai deixando de ser simplesmente um veículo de crônicas de reis e barões e passa

a ser usada como um instrumento sério de aferição de acontecimentos, os reais valores do negro vão surgindo não só em nosso país, mas também fora dele. Já não é mais feio ter cabelo pixaim, cor negra, nariz chato. Cada raça tem sua característica física. E nessas características cada etnia tem o seu modo de ser belo. Eis o que o poeta procura.

*Olho no espelho
E não me vejo
Não sou eu
Quem lá está
Senhores.
Onde estão os meus arborea
Onde estão meus orixás*

Para arrematar, vamos registrar que Carlos de Assumpção mantém na sua poesia estreita relação entre arte e vida social, tendo, portanto, o cuidado de não fazer arte pela arte, mas uma arte rigorosamente engajada na luta pelo respeito e dignidade de sua raça.

LITERATURA E AFRODESCENDÊNCIA NO BRASIL: Antologia Crítica - Vol. 1

por Eduardo De Assis Duarte

Carlos de Assumpção, um dos decanos da poesia de protesto do século XX, nasceu em Tietê - SP, em 23 de maio de 1927, sendo parte das primeiras gerações de brasileiros afrodescendentes a ter acesso ao ensino superior. Como Lino Guedes e outros escritores negros nascidos na primeira metade do século, fez inicialmente o antigo Curso Normal, destinado à formação de professores para as primeiras séries do ensino fundamental. Na juventude, passou a residir em Franca - SP, onde obteve graduação em Letras, Português e Francês, e se tornou bacharel em Direito. Mais tarde, iniciou colaboração na revista literária *Veredas*, no suplemento cultural "Arte Agora" e no "D.O. Cultura", do *Diário Oficial* do Estado de São Paulo. É membro da Academia Franca-na de Letras, tendo-se notabilizado como agitador cultural empenhado em levar a literatura a escolas e demais espaços públicos e comunitários. Como parte desse trabalho, dirige o Coral Afro-Francano e o Grupo Canto e Verso, já tradicionais na cidade. Em 1958, recebeu em São Paulo o título de Personalidade Negra, no contexto dos eventos alusivos aos 70 anos da Lei Áurea, honraria concedida pela Associação Cultural do Negro.

Poeta bissexto, sua produção é marcada pela herança da oralidade recebida dos antepassados. Seus textos carregam um tom declamatório, às vezes inflamado, destinado via de regra às "rodas de poemas" - apropriação afro-brasileira dos antigos saraus e realizada em espaços públicos. É autor do fa-

moso “Protesto”, libelo versificado, lido pela primeira vez em 1956 na Convenção Paulista do Negro, e com o qual ganhou o primeiro lugar no Concurso de Poesia Falada, de Araraquara - SP. O texto marcou época e simbolizou o fortalecimento da poesia afro-brasileira de denúncia e reivindicação, tornando-se referência obrigatória para as novas gerações, sendo, ainda, incluído em antologias publicadas em inglês, francês e alemão. O poema dá título ao volume homônimo, de 1982, em que escritos de fundo político predominam.

A sonoridade corriqueira, o registro coloquial, o ritmo, a rima, o vocabulário, tudo visa ao efeito fácil, à absorção imediata e sem dificuldades. Das imagens às quadras e redondilhas previsíveis, Carlos de Assumpção constrói uma poética que opta abertamente pela repetição e até pela redundância, pois o projeto que a sustenta não busca a fala difícil, a imagem rebuscada, a opacidade verbal levada ao extremo da não comunicação. Movido por uma consciência comunitária indignada e por uma perspectiva não conformista, seus poemas põem o dedo na ferida social do racismo: “Riram de nossos valores / Apagaram os nossos sonhos / Pisaram a nossa dignidade / Sufocaram a nossa voz / Nos transformaram em uma ilha / Cercada de mentiras por todos os lados”.

Esse tom assumidamente retórico e transitivo, em que um “eu/nós” se opõe explicitamente a um “eles” identificado ao poder, aponta para as urgências de uma sociedade multiétnica ainda distante da democracia racial e marca do princípio ao fim a escrita do poeta de Franca. Já os momentos líricos, em que louva a beleza da mulher negra e seu amor por ela, figuram como tocantes exceções. Seus textos, o mais das vezes narrativos, como o poema-ícone “Protesto”, poderiam ser cantados por um *rapper* do século XXI: “É Zum / É Zum / É Zum / É Zumbi / Zumbi de Ogum / Guerreiro de Ogum

/ Aqui”. Para finalizar, ouçamos o poeta: “De sonhadores o mundo tem precisão / A vida será céu quando todos os homens / Trouxeram as estrelas aqui pro chão”.

CARLOS DE ASSUMPÇÃO: RESISTÊNCIA E AFIRMAÇÃO DO NEGRO

por Zélia Maria N. Neves Vaz

Eu sou a noite

Sem destino

Esbofeteada pelo vento

Nesta selva branca

Carlos de Assumpção, ao tentar perceber a que se prende a obra “Quilombo”, de Carlos de Assumpção, deve-se ter em mente que o autor encarrega-se de um universo poético o qual perpassa o âmbito da literatura marcada por uma forte militância, pela crítica ao preconceito enraizado na cultura brasileira e ainda pela afirmação ou recuperação da identidade negra perdida. Outros aspectos caracterizadores da obra aqui analisada, e que funcionam como formas de se reconhecer a literatura negra – a partir dos pressupostos definidos por Zilá Bernd para esta linhagem – são: “conscientização, comunicação em particular com o sentimento negro, reencontro da verdadeira imagem, visão do negro livre de estereótipos e evidência de uma intencional atitude de resistência” (BERND, 1987, 81). Esse último ponto talvez possa ser considerado um dos mais definidores da produção poética de Carlos de Assumpção, uma vez que é notório em sua obra vários momentos que tratam desse assunto em especial.

A poesia presente na obra de Assumpção está indelevelmente marcada pelo engajamento militante com a afrodescendência, como em “Canto dos Ancestrais”: “minhas irmãs, meus irmãos / Os ancestrais fazem de mim seu instrumento”.

Essa herança é invocada para emoldurar o comprometimento do poeta com a causa de todos os oprimidos: “Saibam que minha luta / Está enraizada nas lutas dos meus avós / e também saibam que minha luta / Não é só minha / É luta de todos nós”. (ASSUMPCÃO, 1984, p. 18-19).

O passado e o presente são invocados e o eu poético se coletiviza num *nós* que clama pelo resgate do papel histórico exercido pela diáspora africana no Brasil. Em “Complexo”, Assumpção denuncia a “nação que tem vergonha de si mesma” e que deseja apagar a presença da cultura afro-brasileira pela via da discriminação racial: “Eu era livre na África / Não vim aqui porque quis / De repente precisaram de braços que construíssem este país / E me arrebataram para cá preso em correntes / (...) / Fui eu (repito e repetirei sempre) fui eu quem construiu o que esta nação tem / Não quero saber de coisa alguma / Só sei que esta nação é minha também” (ASSUMPCÃO, 1984, p. 19). Nota-se que é esse tom militante que caracteriza a maior parte de sua produção.

Como uma outra exemplificação dessa poesia de resistência, atentaremos para o poema de maior expressão do autor e que é uma importante referência para aqueles que se identificam com a causa da negritude:

*Mesmo que voltem as costas
Às minhas palavras de fogo
Não pararei de gritar
Não pararei
Não pararei de gritar (...)
Senhores
O sangue dos meus avós*

*Que corre nas minhas veias
São gritos de rebeldia*

(ASSUMPÇÃO, 2000, p.33)

O poema mencionado, intitulado “Protesto”, carrega em suas palavras um símbolo de força e reconta a história do negro a partir de seu próprio ponto de vista, superando dessa maneira, a ótica do branco, muitas vezes deformadora do verdadeiro passado dos escravos no Brasil. Esta elite branca que no período escravocrata declarou livre o contingente negro do país “sob ovações e rosas de alegria”, para usar as palavras do poeta, não escapou de ser ironizada nos versos de Carlos de Assumpção. A Lei Áurea é constantemente discutida pelo autor, de tal forma que encontramos referência a ela em quatro poemas no interior de Quilombo. No poema “Lei Áurea”, o caráter irônico evolui para o sarcasmo rebaixador:

*Viva a princesa Isabel
Viva a senhora redentora
Agradecimento profundo à bondosa princesa que
em maio nos deu de bandeja a Lei Áurea
Lei Áurea verdadeiro cheque sem fundo*

(ASSUMPÇÃO, 2000, p. 39)

Percebe-se, dessa forma, que Assumpção não difunde a imagem positiva da princesa Isabel disseminada na história oficial do país, já que a Abolição da Escravatura beneficiou majoritariamente àquelas pessoas detentoras do poder polí-

tico e, sobretudo, econômico da época. E, aqueles apontados como “os favorecidos”, se viram em uma “liberdade” que representaria uma exclusão ainda maior, em uma “prisão mais ampla” de “serpentes futuras” (“Protesto”). Nesse sentido, o princípio que afirma: “todos os homens são livres e iguais perante a lei” assim como a ideologia de uma nação una que comporte todos os seus “filhos” de modo harmônico e democrático, certamente nunca existiu na prática. Sempre convivemos com um tipo de discurso que ratifica uma noção de cultura igualitária com a qual todos que dela fazem parte se reconhecem e se identificam. Esse discurso, que acaba por fazer parte de um imaginário popular, pode ser explicado no conceito de nação utilizado por Stuart Hall em seu livro “A identidade cultural na Pós-modernidade”:

A nação não é apenas uma entidade política, mas algo que produz sentidos – um sistema de representação cultural. As pessoas não são apenas cidadãos/ãs legais de uma nação; elas participam da ideia da nação tal como representada em sua cultura nacional. Uma nação é uma comunidade simbólica e é isso que explica seu ‘poder para gerar um sentimento de identidade e lealdade. (HALL, 1992, p. 49).

Através do fragmento citado, cabe ressaltar que os negros foram impedidos de compartilhar com tal lealdade e identidade, uma vez que o sistema de representação cultural, conforme Hall, , está pautado por referenciais majoritariamente brancos. Isto significa dizer que as representações simbólicas, as crenças, os valores, os padrões negros, enfim, tudo que a eles esteja relacionado, não serão compatíveis com o sentido hegemônico de nação. Por outro lado, há os negros que buscam se reconhecer nesse padrão cultural dominante, renegando suas raízes a fim de serem aceitos numa sociedade etnocêntrica que rebaixa e discrimina as manifestações

da cultura afro-brasileira. O poeta Adão Ventura, que, assim como Assumpção busca uma literatura afrodescendente que rompa com as imposições do dominador, retrata em seu poema “Preto de Alma Branca Algumas Conceituações” aque se sujeitam esses negros que não se aceitam como tal, procurando uma maneira de inserir-se no mundo do branco se distanciando de suas origens africanas.

Já o poema de Assumpção “Três Quadrinhas” aponta para esta mesma questão, ou seja, trata do negro que tem em comum apenas a cor de sua pele, pois não possui a postura e orgulho de ser afrodescendente: “minha prima é mestiça / Não é negra como eu sou / Alguém a chamou de negra / Minha prima desmaiou”. Na estrofe seguinte desse poema, o poeta salienta que para ser considerado negro não basta apenas o fator fenotípico, é preciso ir além, ser preto é mais uma questão interna que propriamente social: “ser negro não é ser preto / Ser preto não é ser negro / Cor de pele não é tudo / Negro é quem se sente negro”. (ASSUMPCÃO, 2000, p. 17)

Carlos de Assumpção busca uma identidade com a qual o negro possa verdadeiramente encontrar-se, valorizar-se e ser aceito, recria uma perspectiva divergente daquela dos brancos, convoca os pertencentes de seu grupo para que tomem consciência de quem são e de sua cultura. Ele objetiva desconstruir um universo de preconceitos enraizados na sociedade que transitam até mesmo entre os próprios negros, que assimilaram uma maneira de pensar e sentir branca. Em seu poema “Que negros somos nós”, é evidente o alerta de Carlos de Assumpção com relação àqueles que ainda não despertaram para a realidade de união e luta contra os que massacram os símbolos, as memórias e as raízes concernentes à negritude:

Que negros somos nós que descrentes nos envergonhamos da nossa religião que nós muitas vezes chamamos de feitiçaria folclorre mitologia

(...) Que negros somos nós principalmente os de movimentos negros que dizemos combater preconceitos e temos às vezes mil preconceitos no peito

(...) Que quando conseguimos boa situação na vida tantas vezes nos isolamos em torres de marfim ou casamos com pessoas brancas só porque são brancas

(...) Que negros somos nós que desvivemos desunidos desconfiados uns dos outros por aí sem rumo sem líder nenhum Que negros somos nós que não mais empunhamos a espada afiada de Ogum.

(ASSUMPCÃO, 2000, p. 49)

Pode-se perceber que Carlos de Assumpção aponta para o complexo e longo caminho a ser percorrido a fim de que o preconceito não mais exista. Compromissado com tal questão e consciente da difícil realidade vivenciada pelos afrodescendentes, o poeta insiste no problema e coloca em discussão agora o que significa ser negro no Brasil, país onde se afirma existir uma democracia racial, mas o que verificamos na prática é a predominância do racismo: “de repente / Duma viatura / Saltam sobre mim / Vários policiais / (...) / Não me pedem documentos / Não me perguntam nada / Basta a minha cor.” (ASSUMPCÃO, 2000, p. 27). Constatamos nesse fragmento o caráter inverossímil do discurso que perpetua a ideia da harmonia entre as raças, pois o poe-

ma mostra diretamente a polícia a serviço do preconceito. Assumpção retrata também como ocorre o impedimento de inserção do negro em uma sociedade, que se diz igualitária, como foi dito anteriormente, mas que não o aceita como ser capacitado, “Questão de Sorte” é um exemplo de tal problemática:

*O negro era inteligente
O branco não
O negro era culto
O branco não
O negro era educado
O branco não
O negro era capaz
O branco não
Foram juntos pedir emprego
A uma mesma repartição
Umhas três vagas havia
Fizeram sua inscrição
Decisão
O branco foi contratado
O negro não.*

(ASSUMPÇÃO, 2000, p. 69)

Nota-se, então, que a discriminação racial sobrepõe-se à capacidade intelectual do afrodescendente, a tal ponto que a sociedade não o aceita mesmo quando esse possui preparo e conhecimento superior ao do branco. No texto, o advérbio “não” aparece vinculado inicialmente à esfera semântica do branco, como forma de destacar os predicados do candidato

negro junto ao mercado de trabalho. Mas o advérbio retorna no final para assinalar a negativa recebida por esse no momento da contratação. “Questão de Sorte” ganha assim um forte componente irônico, que indica a permanência da discriminação no cotidiano dos afro-brasileiros.

No poema “Ponte de Ouro” identifica-se uma certa melancolia por parte de Assumpção. Através de seus versos, o eu-lírico nos deixa a impressão da impossibilidade de termos um país livre de preconceitos: “vou-me embora... Vou-me embora... / Ninguém escuta meu grito. / Tenho uma ponte de sonho / De minh’alma pro infinito”. O poeta sente-se descrente com relação aos brancos, os quais seu grito não consegue sensibilizar: “vou-me embora, estou cansado, / Cansado, irmão, vou-me embora. / Com tantas almas de pedra / É inútil esperar a aurora...” (ASSUMPÇÃO, 2000, p. 63). Porém, na poesia intitulada “Resistência”, apresentada nas páginas finais de seu livro, o otimismo predomina, principalmente no que diz respeito ao destino de sua raça: “em toda parte / Muitas mãos de ébano / Estão tecendo o destino da Raça / Sei que não vou desaparecer / Não tenho mais medo da morte / não tenho mais medo de nada / Tocai tambores tocai / Tocai tambores da alvorada” (ASSUMPÇÃO, 2000, p. 87). O sujeito de enunciação festeja, pois acredita que o som de seus tambores, a consciência negra, resiste diante de inúmeros obstáculos. Os afrodescendentes, atingidos por essa música, estão contribuindo para que a igualdade de direitos, apresentada metaforicamente no poema por meio do signo “alvorada”, possa, enfim, ser uma realidade. Assim, a militância caracteriza o cerne da poética de Carlos de Assumpção.

No entanto,, em alguns momentos do livro “Quilombo”, sua poesia perde a contundência política para ganhar um tom lírico. Em “Mulher Negra” encontramos a exemplifica-

ção dessa afirmativa: “eu canto a tua beleza / A noite de tua pele / A lua estelar de teus olhos oblíquos / O chocolate de teus lábios grossos / O luar de teu sorriso / Os teus cabelos que não se desalinham / Ao sopro do vento”. (ASSUMPÇÃO, 2000, p. 51). Percebemos um fator relevante no que diz respeito ao ponto de vista adotado por Assumpção ao se referir à mulher afrodescendente. O campo semântico construído apresenta-se na poesia como forma de valorização dessa figura feminina, por exemplo, no momento em que ele associa o “chocolate” aos “lábios grossos” da negra. Assumpção cria, assim, um padrão de beleza que, como já é sabido, não possui espaço na estética ocidental. É importante ressaltar também, que essa mulher presente no texto supera os estereótipos da mulata assanhada, da negra a serviço do prazer, e tantos outros que encontramos reproduzidos na sociedade e na literatura brasileira.

Nesta vertente menos engajada de Carlos de Assumpção, não poderíamos deixar de destacar o poema “Prece”, no qual o poeta faz uma paródia da oração “Pai Nosso” em que a referência passa a ser Castro Alves. O eu-lírico pede força, inspiração e a chama da liberdade ao poeta abolicionista: “Castro Alves que estais no Céu / santificado também seja o vosso nome / Olhai por nós agora e sempre do além / Estendei as mãos sobre a cidade / Acendei a chama da liberdade / do amor da fraternidade (...)” (ASSUMPÇÃO, 2000, p. 45).

A obra de Carlos de Assumpção abrange inúmeros outros temas, igualmente relevantes, mas não trabalhados aqui. Dessa forma, é importante ressaltar nos poemas do livro “Quilombo” a presença da reversão do simbolismo estabelecido pelo universo cultural branco. Em um deles, denominado “Mãe”, o poeta associa a figura materna à noite transformando-a em símbolo positivo, desfazendo-se da visão estereotipada que permeia o imaginário de muitos.

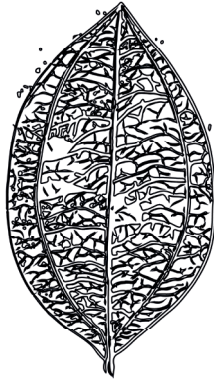
Verifica-se também a existência da música que se apresenta nos vários poemas como forma de unir os negros, como forma de libertação e como resistência. Há ainda referência a Zumbi e aos orixás do candomblé, sempre de forma engrandecedora. No prefácio do livro “Quilombo”, Irene Sales de Souza retrata muito bem a que vieram e o que representam os poemas de Carlos de Assumpção: *Sua obra, sua luta não é em vão: seus poemas, seu ser, sua consciência clamam por justiça, denunciam, levam à reflexão, mostram a condição do negro em nossa sociedade. Ora eles são gritos de rebeldia, ora revelam ligeireza e sagacidade, ora evocam os orixás, ora denunciam as injustiças contra os homens negros, o boia-fria, as crianças, ora ternamente reconhecem a maternidade, amam as mulheres e deram sobre nós uma chuva de estrelas.* (SOUZA, Irene Sales de. In Quilombo, 2000).

Referências Bibliográficas:

BERND, Zilá. Negritude e literatura na América Latina. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. <http://bayo.sites.uol.com.br/poemas_carlosassumpcao.htm>.

Cadernos negros 7 poesia. São Paulo: Quilombo hoje, 1984.



// Primavera, 2017 //



Este zine que você segura foi composto nas fontes Anonymous Pro, Lato e Adobe Caslon Pro em Novembro de 2017. Sua impressão ocorreu na gráfica Multicópias, que fica na Rua Orestes Dalmaso, 2530, no Jd. Petrágria em Franca/SP. Para entrar em contato, ligue (16) 3409-3956 ou mande email para multicopias@live.com

Eu sou a noite
Sem destino
Esbofeteadada pelo vento
Nesta selva branca

Noite
Que procura caminho
Como o faminto
Procura o pão

Noite
Que conserva
Orgulhosamente

A despeito de tudo
Um punhado de estrelas
Em cada mão

